

CORE

Uma ponte chamada *business*

A 3.ª EDIÇÃO DO **DOING BUSINESS ANGOLA** ACOLHEU NO RITZ DE LISBOA UMA CASA CHEIA DE EMPRESÁRIOS DAS DUAS LUSOFONIAS QUE ABRIRAM PORTAS AO INVESTIMENTO ESTRATÉGICO. O DEBATE NO PALCO, E FORA DELE, CULMINOU EM **NETWORKING** QUE PROMETE NOVIDADES AINDA EM 2025.

Texto **Redação Forbes e Jornal Económico** / Fotos **Victor Machado**

Portugal é um parceiro privilegiado para a promoção de Angola na Europa e no mundo. Este foi o mote com que N'Gunu Tiny, fundador do grupo Media9, fez a abertura do evento Doing Business Angola, organizado pela *Forbes África Lusófona* e pelo *Jornal Económico*. Decisores públicos, empresários e investidores debateram temas estruturantes como o ambiente de negócios, privatizações, financiamento da economia, mercado financeiro, petróleo e gás, turismo e os desafios de Angola e da lusofonia num mundo em mudança. “Este encontro é especialmente simbólico por ter lugar em Portugal, não apenas pelo passado histórico que nos une, mas pelas pontes que hoje construímos para o futuro. A nossa escolha não é aleatória. Portugal representa um dos mercados mais estratégicos da lusofonia. É um parceiro privilegiado para promover Angola na Europa e no mundo, com canais já consolidados junto da CPLP, da União Europeia, da OCDE e das instituições financeiras internacionais”, começou por destacar o fundador da Media9.

Dois governantes marcaram presença nesta edição do Doing Business. Márcio Daniel, ministro do Turismo de Angola, deixou uma mensagem clara: “Não podemos continuar a ser como somos hoje, um país, uma economia focada e centrada no sector extrativo. Por isso é que o Governo já tomou a decisão e já tem um caminho formado em diversificar a nossa economia. Estamos claramente a dar passos nesse sentido. O objetivo da equipa económica é progressivamente diminuir o peso do sector extrativo nas contas nacionais. Ou seja, o petróleo não pode continuar a ser a principal âncora do crescimento económico. Não quer dizer que vamos deixar de investir e deixar de dar importância ao petróleo, mas ele tem de ser a fonte através da qual vamos alavancar os outros sectores.”

Por outro lado, o na altura ainda ministro da Economia de Portugal, Pedro Reis, foi perentório: “Há que identificar quais os sectores e os projetos que realmente interessam – e Portugal está perfeitamente disponível”, resumiu.

UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO

Luís Amado, ex-ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal – que, com Carlos Feijó, completava o painel “Um mundo em transformação – Desafios e oportunidades

VISÃO DE QUEM FAZ NO TERRENO

“Quem terá maior sucesso não é quem faz planeamento no papel e tem mais capital, é quem tem mais capacidade de se adaptar à lógica local. Estamos a falar de um país jovem, que está a dar os seus primeiros passos e precisa do seu tempo”

Luís Campos Ferreira,
presidente da UCCLA

“Aquilo que fazemos numa primeira fase é, no processo de importação, o banco emite uma carta de crédito ao importador, e nós, em Portugal, fazemos a confirmação da carta e damos garantias adicionais ao exportador”

Nuno Vaz,
CEO do Banco
Atlântico Europa

da Lusofonia em contexto de (des)globalização”, afirmou que, “no contexto da ordem liberal e do globalismo, é óbvio que as relações se foram diluindo. Ora, estamos numa revolução geopolítica impressionante” que ninguém antecipou: “Valorizo mais a CPLP [Comunidade dos Países de Língua Portuguesa] e a lusofonia – e isso é importante porque o mundo não será mais o que era: entrámos numa fase nova da estrutura de poder mundial. Nesse contexto, a plataforma [a CPLP] tem mais valor”, pela sua universalidade.

Já Carlos Feijó referiu sobre a CPLP que “há falta de liderança, não há uma âncora, o que é um problema sério”. “Sempre defendi que cada Estado deve ser forte no âmbito do seu território: cada Estado deve ser política, económica e culturalmente forte” antes de ser ‘alguém’ numa comunidade”, referiu, num painel onde N’Gunu Tiny foi o moderador. O problema, segundo Carlos Feijó, é que cada país que compõe a CPLP ‘dispersa’ a sua posição geoestratégica noutros blocos – Portugal na União Europeia, ou o Brasil no Mercosul –, o que retira força intrínseca à comunidade e induz uma participação menos comprometida no seu quadro.

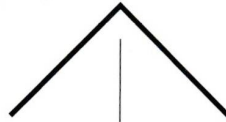
MAIS EMPRESAS EM BOLSA

Cristina Lourenço, presidente da Bodiva, a Bolsa de Dívida e de Valores de Angola, defendeu a entrada de mais empresas no organismo, para além de Banco Angolano de Investimento, Banco Caixa Geral Angola. ENSA – Seguros de Angola



A nossa razão de ser é que exista investimento português em Angola e que o mesmo aconteça no sentido contrário

João Traça,
presidente da CCIPA



e a própria Bodiva, até porque há mais oferta do que procura. “Queremos mais empresas listadas na bolsa angolana”, referiu, assumindo que são esperadas mais oportunidades interessantes de investimento, conforme o programa angolano de privatizações, o PROPRIV, estando prevista a privatização de quatro empresas até ao final de 2025: o BFA, a Unitel, a TV Cabo Angola e a SBA.

DESBUROCRATIZAR É PRECISO

A desburocratização e a industrialização têm sido duas das prioridades do governo angolano. Arlindo das Chagas Rangel, PCA da Agência de Investimento Privado e Promoção das Exportações de Angola (AIPEX), considerou que o país tem capacidade para ir mais além noutras áreas. “O governo angolano tem implementado um programa para a desburocratização, e ainda agora foi levado o mesmo processo para o turismo, que reduz o processo de legalização da hotelaria. Nas empresas é a mesma coisa”, referiu, destacando o papel da AIPEX como facilitador. “O governo de Angola tem como prioridade a segurança alimentar, que acarreta várias vertentes, desde saúde, tecnologia, energias renováveis, a logística, estão todas as áreas interligadas”, salientou.

Por seu turno, Ricardo Arroja, presidente da AICEP, deixou um apelo para o reforço das relações bilaterais entre Portugal e Angola. “Na AICEP somos uma plataforma de acesso para 700 milhões de pessoas, e, num mundo que se está a fragmentar, é natural que Portugal

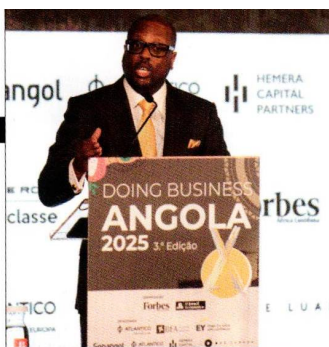


e Angola tenham uma oportunidade revigorada para fortalecer as relações”, sublinhou. Ricardo Arroja salientou ainda o crescimento nas exportações de serviços de Portugal para Angola, numa altura em que os dois países procuram diversificar os seus mercados. “Temos de aproveitar as oportunidades com Angola. Estamos a organizar eventos em conjunto com a AIPEX, para identificarmos oportunidades no domínio industrial”, assumiu ainda.

ÁREAS DE INTERESSE TURÍSTICO

Em Angola estão identificadas 29 áreas de interesse turístico. “Falamos de áreas como a ilha da Luanda, o Mussulo”, referiu Denilson Gonçalves, diretor nacional de estruturação de projetos de ordenamento turístico em Angola, no painel “Desafios e oportunidades no desenvolvimento do Turismo em Angola”. O responsável destacou que o foco do ministério tem sido garantir que os investidores quando chegam encontrem todas as condições para que possam fazer um investimento a custos mais baixos. “Angola tem um grande potencial ao nível do turismo, desde sol e mar, aventura. Qualquer investidor quererá investir num espaço onde exista uma capacidade de crescimento ao nível das infraestruturas”, sublinhou.

Já Andrea Machado, diretora executiva do grupo Cosal, destacou que, apesar de a empresa ter origens no ramo automóvel e no imobiliário, já conta com sete empreendimentos turísticos em zonas fronteiriças do país. Sobre as dificulda-



HOMENAGEM A ANTONIO MOTA

O empresário António Mota foi a Personalidade Lusófona 2025 na terceira edição do Doing Business Angola. O filho Manuel Mota recebeu o prémio.

des que encontra na gestão diária desses empreendimentos, a responsável destacou a falta de recursos humanos, considerando que tal cenário “é transversal a nível mundial”.

Por sua vez, Nuno Neves, diretor do hotel Intercontinental de Luanda, realçou que “tem sido uma experiência muito desafiante, mas de orgulho”, ser a primeira cadeia internacional de hotéis em Angola, assumindo que a paciência e a perseverança são fundamentais para quem quer investir no país.

PETRÓLEO VAI CONTINUAR

No painel “Oil & Gas e o futuro de Angola”, o administrador da Sonangol, Osvaldo Inácio, garantiu que o petróleo vai continuar a ser um recurso importantíssimo na matriz energética do mundo. O responsável sublinhou que a Sonangol não está a pensar em deixar de produzir petróleo e que o foco está na descarbonização. “O primeiro foco que temos é descarbonizar a operação existente, e isso faz-se, por um lado, com tecnologia mais moderna e menos intensidade de emissões, seja de carbono como de metano e, por outro lado, com a captura de carbono. Ou seja, o petróleo é fundamental hoje e vai continuar a ser nos próximos anos”, afirmou. Acrescentou que a empresa está a fazer um grande investimento na diversificação do seu portefólio. “Continuamos a avaliar como podemos fazer investimentos mais inteligentes em alguns sectores críticos associados à nossa operação”, detalhou.



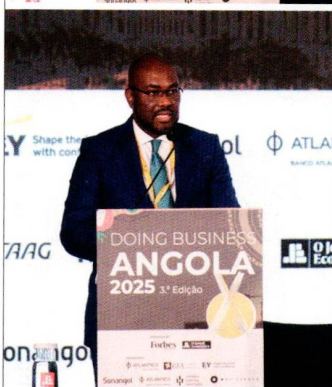
Por sua vez, o *partner* da EY Manuel Mota disse que o petróleo, em Angola e em muitos países ricos em hidrocarbonetos, continuará a ser produzido e utilizado, seja para dentro como para exportar. “Há necessidade de descarbonizar as atividades em si, porque o *mix* energético ainda vai estar muito dependente dos combustíveis fósseis nas próximas décadas”, sublinha.

Já o presidente do conselho de administração da Etu Energias, Edson dos Santos, defendeu mais investimentos na exploração e criação de parcerias sérias e robustas, para mitigar o declínio da produção petrolífera em Angola. Segundo este responsável, “os *players* tradicionais do país têm concorrência com as descobertas petrolíferas em países como a Namíbia e Guiana. Essas novas bacias tiram possíveis investimentos das grandes empresas em Angola. Pelo menos, criam competição”.

O “MOTOR” DA ECONOMIA

“Olhamos para Angola, e qualquer português verifica que o crescimento demográfico é um bônus. É uma oportunidade única, mas também pode ser um problema se não for bem encarado e gerido”, referiu Paulo Madruga, *partner* EY Parthenon, salientando que a procura interna é outro dos “motores adormecidos” na economia angolana e que pode ser fomentada através do turismo.

“Esta é uma população que precisa de consumir, mas não consome porque não tem rendimento, nem emprego. É preciso romper este círculo vicioso. Este ca-



O governo de Angola está a preparar uma nova fase do programa de privatizações com 41 ativos estratégicos a avançar até 2026, revelou o PCA do IGAPE

minho da procura interna pretende ao mesmo tempo valorizar a procura externa, nomeadamente através do turismo”, sublinhou.

Por seu turno, Mário Amaral, *managing director* da Hemera Capital Partners, considera que “existe muita complementaridade entre o capital de risco e o sector financeiro. Em Angola isso tem sido explorado. Temos acesso a fundos de capital de risco permite um fundo muito mais alargado aos investidores”.

Kelson Cardoso, PCE da Aurea, destacou que “os investidores olham cada vez mais para o mercado de capitais como uma alternativa de financiamento para as suas empresas. Têm sido a grande mola impulsora do nosso mercado de capitais”, referiu.

Sobre as dificuldades que os investidores enfrentam no mercado angolano, Teresa Empis Falcão, *partner* da VdA Infraestruturas & Mobilidade, realçou que “o planeamento é fundamental e por vezes existe falta de planeamento em alguns destes projetos. A questão da moeda também é muito preocupante”, sublinhou. Odair Costa, CEO da BFA Capital Markets, considera que o mercado de capitais pode ser uma porta de entrada no mercado angolano: “Isso pode fazer esquecer outros riscos como a inflação e a desvalorização da nossa moeda. Temos um conjunto de oportunidades que representam o *ex-líbris* que Angola tem para oferecer. Vemos esse investimento como uma oportunidade de criar um caminho com as empresas portuguesas”, concluiu. 

